



revista cristã
última chamada



S · P · Q · R

Os “reis da terra” no Apocalipse

Kenneth L. Gentry, Jr.

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CRAD MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

Separando a Ficção
da Realidade

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Os “reis da terra” no Apocalipse

Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Os “reis da terra” no Apocalipse

Autor:Kenneth L. Gentry, Jr.

Site:<https://postmillennialworldview.com/>

Acessado dia 12 de Março de 2020

Revista Cristã Última Chamada

- Edição de Março de 2020-

Capa:César Francisco Raymundo (imagem da internet)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.

É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Março de 2020

Londrina - Paraná

Índice

Sobre o autor 08

Prefácio 09

–UM–

Os “reis da terra” no Apocalipse 10

– DOIS –

Os “reis da terra” no Apocalipse 14

– TRÊS –

Os “reis da terra” no Novo Testamento 18

– QUATRO –

Os “reis da terra” no Antigo Testamento 24

– CINCO –

Indicadores de “os reis da terra” 28

– SEIS –

Os “reis da terra” e o método de João 32

– SETE –

Os “reis da terra” e a “terra” 38

– OITO –

Os “reis da terra” e a “terra” 44

– NOVE –

“Os reis” de “os reis da terra” 51

– DEZ –

“Os reis da terra” e o Salmo 2 58

Conclusão 63

Obras Importantes para Pesquisa 64

Sobre o autor



Kenneth L. Gentry, Jr., Th.D., é um pastor, escritor, palestrante e conferencista conservador reformado. Nasceu e cresceu em Chattanooga, Tennessee. Obteve o seu título de Mestre em Divindade (M.Div.) no Reformed Theological Seminary e o Mestre (Th.M.) e Doutor em Teologia (Th.D.) no Whitefield Theological Seminary. Ele é o Diretor do NiceneCouncil.com e pastor na Reformed Presbyterian Church, General Assembly. É casado (desde 1971) e tem três filhos e cinco netos.

Prefácio

É com muita satisfação e alegria que ofereço ao público brasileiro este estudo sobre os “reis da terra” descritos no livro do Apocalipse. Infelizmente, a frase “os reis da terra” é sempre vista por nós com as lentes modernas.

Com muita maestria o Dr. Gentry nos leva para além do livro do Apocalipse, em direção a outras partes da Bíblia que também se referem aos “reis da terra”.

Este estudo vai corrigir qualquer interpretação errada sobre a identidade dos “reis da terra” no Apocalipse e, também, vai lançar mais luz para aqueles que do ponto de vista preterista estudam o livro do Apocalipse.

Creio que esta leitura abençoará a todos os meus leitores.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo
Editor da
Revista Cristã Última Chamada

Um Os “reis da terra” no Apocalipse

Em seu louvor exaltado a Cristo, João declara que ele é “o governante dos reis da terra” (Apocalipse 1:5). Em contraste com o resto do Novo Testamento, onde ocorre apenas duas vezes (Mateus 17:25; Atos 4:26), a frase “os reis da terra” (*ho archōntō basileōs gēs* [em grego]) aparece com bastante frequência no Apocalipse. Essa frase aparece oito vezes ao todo, sendo seis delas nos últimos cinco capítulos (depois que o drama foi construído e todos os personagens estão no seu devido lugar): Apocalipse 1:5; 6:15; 17:2, 18; 18:3, 9; 19:19; 21:24. Aqui em Apocalipse 1:5, quando João continua seus comentários iniciais sobre o Apocalipse, ele apenas menciona rapidamente esses reis enquanto louva a Cristo.

Mas quem são esses “reis da terra” que estão sujeitos a Cristo?

O livro do Apocalipse geralmente apresenta esses reis sob uma luz ruim, exceto em Apocalipse 1:5 e 21:24, onde eles são mais ou menos neutros. Eles desempenham um papel maligno ao se oporem a Cristo e seu povo. Eles “cometeram atos de imoralidade” com a prostituta babilônica (Apocalipse 17:1–2; 18:3, 9) sendo eles mesmos sujeitos da prostituta (Apocalipse 17:18). Entretanto, nenhuma dessas informações interpretativas está disponível no contexto atual em Apocalipse 1:5. De fato, nada disso começa a se desdobrar até cinco

capítulos depois (em Apocalipse 6:15). Quem são esses “reis da terra” sobre os quais Cristo governa?

A maioria dos comentaristas vê “os reis da terra” como governantes do primeiro século das “nações que entraram em relações ilícitas com Roma” (Mounce 309). Ou, de maneira mais geral, como todos os governantes políticos - incluindo os imperadores de Roma - ao longo da história da Igreja Cristã (Swete 7; Caird 16; Beasley-Murray 56; Aune 41; Beale 850; Kistemaker 83, 460; Smalley 35, 169).

Certamente é verdade que, dada a alta cristologia de João, ele vê Jesus como o governante de todos os reis do mundo inteiro até o fim da história. Esta é a recompensa de Jesus, por Deus Pai, por sua obra redentora que envolve morte, sepultamento e ressurreição (cf. Efésios 1:20–21; Filipenses 2: 9–10; Mateus 28:18). Essa gloriosa verdade redentora certamente desempenha um papel importante no contexto imediato (Apocalipse1:5b, d, 18), assim como em Apocalipse (por exemplo, Apocalipse2:8; 5:6, 9-10; 7:9-10, 14; 11:8; 12:11; 13:8). Seu reinado redentor mais tarde leva João a declara-lo “rei dos reis e senhor dos senhores” (Apocalipse19:16; cp. 17:14).

No entanto, essa interpretação geral e global da soberania de Cristo sobre todos os reis terrestres não parece ser o ponto de João em relação ao uso da frase “reis da terra”, uma vez que em breve eles serão enquadrados em seu drama. Uma compreensão mais clara do papel e função específicos desses reis aguarda uma revelação mais completa mais tarde, à medida que o drama se desenrola.

Embora uma leitura superficial da frase “reis da terra” possa passar por nós como envolvendo um significado óbvio, quase mundano, o Apocalipse nem sempre é tão óbvio. João está escrevendo um drama apocalíptico, carregado e forense. Nesse trabalho, não devemos nos surpreender ao nos surpreender. Além disso, seu trabalho é altamente estruturado, fortemente unificado e completamente integrado. Uma

característica de seu cuidadoso método literário é a antecipação proléptica. Por exemplo, em Apocalipse 2:28, lemos sobre a “estrela da manhã”, que não é definida até o final do livro, Apocalipse 22:16.

Em Apocalipse 11:7, ele repentinamente apresenta “a besta” que surge do abismo - embora ele não o tenha mencionado antes, não a define nesse ponto e não a apresentará formalmente até Apocalipse 13:1. Em Apocalipse 14:8, um anjo declara “caiu, caiu Babilônia, a grande” - embora não tenhamos ouvido falar de Babilônia antes e nem ouviremos esse nome novamente até Apocalipse 16:19. Em Apocalipse 19:7-9, João afirma que a noiva do Cordeiro se preparou - embora ele nunca a tenha mencionado e não a apresentará até Apocalipse 21:1. Agora, em relação a esses “reis da terra”, eu argumentaria que João também parece estar se engajando em antecipação pró-séptica. Eles aparecem *ex abrupto* com o artigo definido como se já estivéssemos familiarizados com eles. Prigent observa que a prolepsia e a analepsia são “bem conhecidas pelos contadores de histórias desde o início dos tempos”.

Além disso, podemos permitir essa aparência proléptica por dois outros motivos:

(1) João escreve o livro depois de receber as visões, para que ele tenha a história básica em mente quando começar a escrever. Por exemplo, em outro verso, Lupieri observa que “por um lado, quando João escrevia as mensagens iniciais, ele tinha em mente não apenas o plano geral, mas também os detalhes de todo o trabalho, e que, por outro lado, ele às vezes espera até as últimas linhas do livro explicarem uma frase misteriosa que apareceu anteriormente.

(2) João parece escrever o Apocalipse com o objetivo de ser cuidadosamente lido e meticulosamente estudado. Mais uma vez, Lupieri afirma uma realidade importante:

“Um leitor ou ouvinte superficial, por exemplo, que não refletisse longamente sobre o texto, não perceberia que ele

contém sete bênçãos, mas, como isso provavelmente tem valor simbólico, pode ser que o texto exija um estudo aprofundado, bem como uma leitura superficial”.

Como eles aparecem tantas vezes em Apocalipse, esses “reis da terra” se tornam um importante conjunto de caracteres com uma função específica no drama. Como Stuart observa em Apocalipse1:5:

“...em nosso texto os reis da terra são nomeados, porque uma disputa com eles é divulgada na sequência do livro, e a vitória e a supremacia sobre eles são exibidas”.

Junte-se a mim no próximo estudo enquanto continuo uma investigação sobre os “reis da terra” em Apocalipse.

Dois

Os “reis da terra” no Apocalipse

No meu último artigo, comecei uma série destinada a analisar a identidade dos recorrentes “reis da terra” em Apocalipse. Uma identidade adequada desse conjunto de governantes é importante para entender a mensagem de Apocalipse. Então agora deixe-me voltar à minha análise.

O Apocalipse está cheio de reis. Em outros lugares, lemos sobre outros reis que são descritos de maneira diferente. Por exemplo, em Apocalipse10:11, João é re-comissionado para profetizar, e o re-comissionamento é expandido para incluir sua profecia sobre nações e “reis” (ele já profetizou sobre esse grupo especial conhecido como “os reis da terra”, Apocalipse6:15). Também ouvimos falar dos “reis do leste” (Apocalipse16:12) (que a própria declaração os distingue necessariamente dos outros reis) e dos “reis de todo o mundo” (Apocalipse16:14) que se reúnem na batalha de Armagedom. Lemos sobre os “sete reis” especificamente ligados à besta (Apocalipse17:10) que se distinguem dos “dez reis” que “odiarão a prostituta e a tornarão desolada” (Apocalipse17:12, 16).

Veremos “reis” derrotados pelo rei dos reis na batalha climática (Apocalipse19:18). Isso provavelmente se refere a uma maior

variedade de “reis” (sob o controle da besta) que também inclui nosso subconjunto menor, “os reis da terra” (na batalha climática de Apocalipse 19:19). Além desses reis humanos, em Apocalipse 9:11, Satanás aparece como o “rei” dos gafanhotos (demoníacos) do abismo. Por fim, em Apocalipse, o próprio Deus é louvado como o exaltado “Rei das nações” (Apocalipse 15:3). E o Cordeiro é o “Rei dos reis” (Apocalipse 17:14; 19:16; cp. Apocalipse 11:15; 12:10), que envolve não apenas ser o Rei dos “reis da terra”, mas ser o Rei de todos os reis. E embora os cristãos não sejam diretamente chamados de “reis”, João afirma que eles são formados em um reino (Apocalipse 1:6, 9) e reinam (Apocalipse 5:10; 20:4, 6).

Por João frequentemente menciona “os reis da terra” mais tarde e por ele não oferecer nenhum material explicativo em sua primeira menção, a antecipação proléptica parece estar em ação em Apocalipse 1:5. Embora essa frase mundana não envolva imagens apocalípticas desconcertantes, descobriremos que esse conjunto de reis desempenha um papel distinto em Apocalipse, que só ficará claro à medida que a história se desenrolar e os personagens forem mais desenvolvidos. Obviamente, o público original de João já está enfrentando problemas com as autoridades dominantes e perseguições destrutivas em geral (por exemplo, Apocalipse 1:9; 2:13). Portanto, mesmo sem uma descrição mais completa do papel específico desses personagens, seu público original será capaz de entender um ponto geral importante: Jesus Cristo governa até sobre os reis terrestres - sejam eles quem forem.

Assim, o ponto de João aqui não é definir o papel dos “reis da terra” para o seu drama, mas simplesmente apresentá-los de maneira proléptica em seu louvor a Cristo como o principal governante dos reis. Em breve ele começará a construir o drama - e a desenvolver seus personagens. Quando esses maus “reis da terra” finalmente aparecerem em pleno caráter, o público de João já saberá que Jesus é o seu Supremo Soberano. Além disso, devemos entender que os cristãos do primeiro século há muito tempo estão envolvidos em uma

luta pela sobrevivência contra a forte oposição judaica liderada pelo sinédrio e pela alta aristocracia sacerdotal (por exemplo, Atos 9:1–2; 22:4-5; 26:9-11). E essa também é a experiência entre as sete igrejas, pois pelo menos duas delas estão combatendo “a sinagoga de Satanás” (Apocalipse2:9; 3:9).

Antes das sete igrejas para as quais João escreve para ouvir o Apocalipse, o leitor público alvo (Apocalipse1:3) já terá lido o livro inteiro e refletido sobre ele. Consequentemente, ele pode até alertar seus ouvintes para onde João está indo com essa designação, assim como o anjo revelador explica as coisas de vez em quando a João (Apocalipse7:13–17; 17:7–9). De fato, dado o cenário litúrgico de Apocalipse, ele pode explicar ainda mais detalhadamente quem são esses reis, ao ensinar e exortar (cp. Lucas 4:16–21; 1ª Timóteo 4:13), assim como um pregador hoje lê a Bíblia e a explica.

Posição declarada

Como argumentarei nesta série, os “reis da terra” de João são um conjunto particular de reis. Conforme o enredo que ele desenvolve mais tarde, eles representam a aristocracia religiosa de Jerusalém, que está intimamente associada ao sistema de templos. E os membros dessa classe de governantes religiosos são historicamente integrados ao sinédrio, o tribunal superior de Israel. Embora a estrutura exata e o número de membros do sinédrio judeu do primeiro século não sejam claros, geralmente podemos supor sua composição:

“O sumo sacerdote presidia esse sinédrio, e seus membros incluíam os principais sacerdotes, anciãos, escribas e outros membros, presumivelmente liderando cidadãos (Marcos 15:1)”. (ABD 5: 976)

Esses socialmente proeminentes, dotados financeiramente.

Essa visão dos “reis da terra” não é amplamente aceita - mesmo entre os preteristas. No entanto, vários intérpretes preteristas sustentam essa interpretação. Alguns deles veem essa identidade em apenas um ou dois lugares em Apocalipse, permitindo outras aplicações da frase em outros lugares - bem como o uso multivalente de “os judeus” no Evangelho de João. Alguns, apesar de verem a frase mantida como um termo técnico por toda parte. Uma lista daqueles que vêem esses reis como autoridades religiosas judaicas, pelo menos em alguns lugares em Apocalipse, inclui: Stuart, Russell, Terry, Carrington, Beagley, Chilton, Leonard, Van de Water e Smolarz. Alguns desses estudiosos incluem também as autoridades mais seculares e puramente políticas em Israel, como os Herodes locais e o procurador romano Pilatos.

Exemplos desta interpretação orientada a Israel incluem o seguinte. A respeito de Apocalipse6:15, Beagley afirma que nossa frase “poderia ser traduzida alternativamente como: ‘os governantes da terra [isto é, Palestina]’”. Stuart escreve sobre esse versículo que o plural de “reis” (da terra) “é usado para designar os vários governadores ou vice-reis que então governaram o país da Judéia”. Carrington argumenta que “a frase reis da terra, usada aqui, pode igualmente ser tradutores da terra traduzidos, e são apenas os governantes de Israel que temeriam a Grande Glória em seu trono”. De Apocalipse17:2 Terry afirma que esses reis “não são da Terra... mas da terra”, isto é, a terra de Israel. Van de Water aplica essa interpretação amplamente em Apocalipse, observando, por exemplo, Apocalipse17:2:

“Mas agora, por que deveríamos sustentar que João está se referindo à aristocracia religiosa de Israel quando ele emprega a frase “os reis da terra”?”

Vou continuar esta linha de investigação no meu próximo artigo.

Três

Os “reis da terra” no Novo Testamento

Enquanto continuo explicando quem acredito que sejam os “reis da terra” em Apocalipse, agora vou me concentrar em algumas informações gerais. Vou começar com a atmosfera geral do Novo Testamento.

Gradualmente construirei o argumento para identificar os “reis da terra” com as autoridades religiosas de Israel. Os componentes anteriores do argumento não serão conclusivos, mas lançam as bases para a conclusão. Somente depois de colocar essas observações gerais em prática é que podemos desenvolver ideias mais convincentes.

Como mostrarei na Introdução do meu comentário do Apocalipse, a destruição do templo judaico em 70 d.C. é um evento histórico redentor de consequências enormes e duradouras. Com o colapso do templo, vem a cessação do sistema de sacrifício, o fechamento da ordem da antiga aliança e a garantia da nova aliança. Tal evento deve naturalmente projetar sua sombra sobre todo o Novo Testamento. E faz. Embora eu não possa desenvolvê-lo extensivamente neste artigo, posso destacar brevemente seu impacto no registro do Novo Testamento. Ilustrarei isso focando nos ministérios de João Batista e Jesus, conforme registrado no Evangelho de Mateus. Este material

nos ajudará a ver a função dos reis da terra no levante histórico-redentor dramaticamente simbolizado em Apocalipse.

Somos avisados do julgamento vindouro de Israel pelo primeiro pregador no registro do Novo Testamento, João Batista. Suas primeiras palavras a Israel são agourentas: “Arrependei-vos, porque o reino dos céus está próximo” (Mateus 3:1). Em seu pedido de arrependimento, ele denuncia dois componentes importantes da liderança religiosa de Israel (os fariseus e os escribas) como uma “ninhada de víboras” e fala deles como uma tentativa de “fugir da ira vindoura” (Mateus 3:7). Ele os adverte que “o machado já está posto na raiz das árvores” (Mateus 3:10), uma imagem do julgamento divino (Isaías 10:15-19, 33-34; Ezequiel 31; Daniel 4:14). Então, ele os ameaça expressamente a respeito da vinda de Cristo, a quem ele está anunciando: “Quem está vindo” tem um “garfo de peneirar está em Suas mãos, e Ele limpará completamente Sua eira; e ele ajuntará o trigo no celeiro”.

É significativo que até as primeiras palavras registradas de Jesus (por Mateus) ecoem o aviso prévio de João: “Arrependei-vos, porque o reino dos céus está próximo” (Mateus 4:17). João e Jesus estão confrontando Israel com seu pecado e chamando-o a se arrepender. Mais tarde, o Senhor exalta João (Mateus 11:11–13), defende-o enquanto condena os maus-tratos de Israel (Mateus 17:11–13), usa o chamado dado por Deus por João para confundir seus próprios detratores (Mateus 21:25–27), e repreende os líderes de Israel por não acreditarem na mensagem de João (Mateus 21:32). Em Mateus 8:10–12, Jesus continua uma advertência ardente e batista contra Israel, observando que os judeus serão expulsos do reino para as trevas e o sofrimento exteriores.

Em Mateus 10:16–17, Jesus adverte seus discípulos que as sinagogas judaicas os punirão: “Eis que eu vos envio como ovelhas no meio de lobos; portanto sejam perspicazes como serpentes e inocentes como pombas. Mas cuidado com os homens; porque eles

os entregarão aos tribunais e os açoitarão nas sinagogas deles”. Como resultado da perseguição de seus seguidores por Israel, ele promete a seus discípulos em Mateus 10:23 que julgará Israel em suas vidas: “Sempre que eles o perseguirem nesta cidade, fuja para a próxima; porque em verdade vos digo que não terminareis de atravessar as cidades de Israel até que o Filho do Homem chegue”. Esta “vinda” é uma metáfora que “se refere à vinda do Filho do Homem em julgamento na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.” (Hagner 1990:280). De fato, apenas alguns versículos depois (Mateus 10:34–36), ele adverte que ele não veio para trazer paz à terra (isto é, “a terra” de Israel), mas uma espada que dividirá os lares entre os judeus.

Em Mateus 11:20–24, ele continua suas advertências a Israel sobre seu julgamento final:

“Então começou ele a lançar em rosto às cidades onde se operou a maior parte dos seus prodígios o não se haverem arrependido, dizendo: Ai de ti, Corazim! ai de ti, Betsaida! porque, se em Tiro e em Sidom fossem feitos os prodígios que em vós se fizeram, há muito que se teriam arrependido, com saco e com cinza.

Por isso eu vos digo que haverá menos rigor para Tiro e Sidom, no dia do juízo, do que para vós.

E tu, Cafarnaum, que te ergues até ao céu, serás abatida até ao inferno; porque, se em Sodoma tivessem sido feitos os prodígios que em ti se operaram, teria ela permanecido até hoje.

Eu vos digo, porém, que haverá menos rigor para os de Sodoma, no dia do juízo, do que para ti”.

No texto de Mateus 21, o Senhor entra em Jerusalém e começa a ensinar por ação simbólica, parábola ilustrativa e discurso direto que o julgamento de Israel está se aproximando. Em Mateus 21:12–13, ele derruba os cambistas no templo, fornecendo teatro profético a respeito do colapso do templo, que irrita as autoridades do templo

(os principais sacerdotes e anciãos, Mateus 21:23) (França 2007:786; Nolland 2005: 844). Ele então amaldiçoa a figueira como um sinal do julgamento iminente de Israel (Mateus 21:19–20) e insta seus seguidores a acreditarem que a “montanha” (ou seja, o monte do templo) será lançada ao mar (Mateus 21:21) (Gray 2010, 52. Hooker 1991: 269; Wright in Walker 1994:6).

Depois disso, Mateus registra uma série de parábolas e trocas vigorosas entre Jesus e as autoridades religiosas de Israel: os principais sacerdotes (Mateus 21:15, 23, 45), escribas (Mateus 21:15; 23:2, 13ss), anciãos (Mateus 21:23), Fariseus (Mateus 21:45; 22:41; 23:13ss), herodianos (Mateus 22:15-16) e os saduceus (Mateus 22:23–24). Suas três parábolas de advertência em Mateus 21:28–22:14 mostram claramente a denúncia dos líderes de Israel e o aviso de seu julgamento vindouro, mesmo declarando que o reino de Deus lhes será tirado quando forem esmagados em pó (Mateus 21:43–44). A próxima parábola adverte que sua cidade santa será queimada (Mateus 22:7). No texto de Mateus 23, ele apresenta uma longa denúncia contra os escribas e fariseus (Mateus 23:1–36), depois chora sobre Jerusalém e declara seu templo “desolado” (Mateus 23:37–38).

Depois de tudo isso, ele profetiza a destruição absoluta pedra-por-pedra do templo (Mateus 24:2) na primeira parte do seu discurso do Monte das Oliveiras (Mateus 24:4-34). Esse discurso parece estar completamente por trás do Apocalipse de João. Destaca a destruição do templo (Mateus 24:2), assim como Apocalipse 11:1–2; concentra-se no julgamento na Judéia (Mateus 24:16-19), assim como Apocalipse 11:8 (observe a discussão abaixo sobre “a terra” em Apocalipse); e se aplica a “esta geração” (Mateus 24:34), a geração do primeiro século de Jesus, como faz Apocalipse (Apocalipse 1:1, 3; 22:6, 10).

Em Mateus 26:47, os “principais sacerdotes e anciãos do povo” vêm prender Jesus. Então eles o julgam perante o sumo sacerdote contra quem ele avisa que sentará em juízo sobre eles: “Digo-lhe que

daqui em diante vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do poder e vindo nas nuvens do céu” (Mateus 26:64). Neste anúncio, o sumo sacerdote o declara culpado de um crime capital (Mateus 26:65–6), e o sinédrio o espancou e cuspiu enquanto o provocava (Mateus 26:67–68). Quando o trazem a Pilatos, o procurador romano o declara inocente, “os principais sacerdotes e anciãos convenceram as multidões a pedir Barrabás e a matar Jesus” (Mateus 27:20). No furor, “todo o povo respondeu e disse: Seu sangue esteja sobre nós e sobre nossos filhos!” (Mateus 27:25). Como Swete (1913: 359) observa:

“Os líderes judeus, por rejeitarem o Seu Messias, garantiram Sua exaltação (Filipenses 2:9) e sua própria confusão final”.

A vida e o ministério de Cristo são os fundamentos do Novo Testamento. Grandes seções do restante do Novo Testamento refletem o julgamento que se aproxima de Israel, conforme ensinado por Jesus. Por exemplo, a mensagem pentecostal de Pedro (Atos 2:17–36) resulta em seu aviso aos judeus que se reúnem em Jerusalém para “serem salvos desta geração perversa”. A denúncia contundente de Paulo aos judeus declara que “eles sempre preenchem a medida de seus pecados, mas a ira os atingiu ao máximo”(1ª Tessalonicenses 2:16). Toda a Epístola aos Hebreus adverte repetidamente os judeus convertidos a não voltarem ao judaísmo, onde cairão nas mãos de um Deus irado. (Para mais informações, consulte Walker 1996 e Russell 1887.)

Muitos estudiosos veem o discurso das Oliveiras de Jesus por trás dos sete selos. Como observa Barker:

“Tem sido frequentemente observado que essa sequência de problemas é exatamente igual à prevista por Jesus quando ele estava sentado no Monte das Oliveiras... O que lemos nos Evangelhos Sinópticos, o chamado Apocalipse Sinóptico, é um resumo do que

foi dito. João, que não registra esse ensinamento em seu Evangelho, dá a visão completa em Apocalipse 6”.

(cp.Düsterdieck 27; Carlos 1:158; Beckwith 143; L. Vos 1965: 181–92; Beasley-Murray 129; Harrington 90; Smalley 146; Osborne 357).

Stuart vai além:

“Apocalipse 6:11 parece ser, por assim dizer, uma espécie de comentário sobre as palavras de nosso Salvador em Mateus 24. João ouviu essas palavras. A impressão nunca poderia ter sido apagada. De fato, ele deu ao sujeito uma nova forma; todavia, suas alusões às palavras de seu Mestre não podem ser equivocadas por nenhum leitor cuidadoso e inteligente”.

Terry vai ainda mais longe:

“O Apocalipse de João é apenas uma ampliação do sermão escatológico de nosso Senhor no Monte das Oliveiras”.

Nisso ele aparentemente está seguindo Russell, que afirma que o Apocalipse é “uma forma transfigurada da profecia no Monte das Oliveiras”. Warfield parece concordar:

“Quem pode entender o grande discurso de nosso Senhor sobre as últimas coisas (Mateus 24), não pode deixar de entender o Apocalipse, que se baseia nesse discurso e mal avança além dele”.

Assim, vemos o iminente julgamento do ano 70 d.C. lançando sua sombra sobre o registro do Novo Testamento. Além disso, registramos no evangelho uma forte condenação não apenas de Israel, mas principalmente de seus governantes religiosos, que exercem um papel tão proeminente em levar o povo a rejeitar a Cristo (por exemplo, Mateus 16:21; 20:18; 26:3-4, 59, 65-66; 27:20). Portanto, é pelo menos teoricamente possível que o drama de João possa estar chamando essas autoridades de “os reis da terra”.

Quatro

Os “reis da terra” no Antigo Testamento

Após uma breve pausa de Natal, voltarei agora ao meu estudo sobre “os reis da terra” em Apocalipse. Neste ponto, vou abrir com:

Seu Cenário Específico de Apocalipse

Como observado na Introdução de meus comentários, e como já argumentei em Apocalipse 1:7, o livro de Apocalipse está se concentrando no julgamento de Israel por rejeitar a Cristo e perseguir seus seguidores. Por causa desse tema do julgamento de Israel, o próprio cenário de Apocalipse abre a possibilidade de que esses “reis da terra” retratem a aristocracia religiosa judaica. Vou ensaiar brevemente algumas das tendências judaicas de Apocalipse focadas em três ângulos.

Apocalipse é o livro mais orientado para o Antigo Testamento em todo o Novo Testamento. “Apocalipse contém mais referências ao Antigo Testamento do que qualquer outro documento no Novo Testamento” (Smalley 9; cp. Osborne 25). Assim, como Bauckham (1993a: x – xi) observa: seu “uso das Escrituras do Antigo Testamento é uma chave essencial para seu entendimento” porque “é um livro projetado para ser lido em constante relacionamento

intertextual com o Antigo Testamento”. O estudioso O. T. Provan concorda:

“Que o livro do Apocalipse como um todo foi composto em uma conversa íntima com o Antigo Testamento é amplamente reconhecido. É um livro que dificilmente pode ser entendido sem referência aos textos do Antigo Testamento, aos quais faz alusão constante e variada”.

De fato, “o leitor não familiarizado com o Antigo Testamento é pressionado para compreender a Apocalipse” (Beale e Carson 2007:1088).

Isso será significativo, pois nossa interpretação dos “reis da terra” para o Antigo Testamento serve não apenas como a única Bíblia do cristianismo apostólico primitivo, mas era central para a própria vida e caráter do antigo Israel. O Antigo Testamento (a Tanakh) é o cânon de fé e prática de Israel do primeiro século que o distingue das nações. Ele a define em termos de suas origens étnicas, características e significado, bem como sua missão e propósito redentores na história.

DJBP observa a Torá de Moisés, ela própria o fundamento do Antigo Testamento, que “quando as pessoas agiam corretamente em conformidade com a Torá, elas cumpriam os requisitos da aliança que Israel havia feito com Deus”. Observe que “a vida nacional encontrou definição nas escrituras” e que as Escrituras “definiram o sentido da nação no mundo”. Assim, a Torá particularmente era para “regular a vida de todos os judeus”, enfatizando a adoração de alguém. Deus, bem como características religiosas e culturais como “a honra do sábado, a circuncisão, a pureza ritual e as leis alimentares” (DJBP 637).

Consequentemente, “no período do Segundo Templo, certos escritos judaicos - partes do que hoje é conhecida como Bíblia

Hebraica - receberam um status religioso especial e autoritário”, por serem considerados “repositórios inspirados da verdade perfeita que derivavam diretamente de Deus. Esse entendimento das ‘escrituras’ geralmente prevalece no final do Segundo Templo e no judaísmo subsequente”(DJBP 561). De fato, a vida de Israel com base nas Escrituras o distinguiu das nações que criou tensão e gerou fortes respostas dos gentios (cf. Tobias 1:4-20; 1º Macabeus), e até causou conflitos no desenvolvimento do cristianismo (cf. Atos 15; Gálatas).

Vemos a veneração das Escrituras por Israel, por exemplo, na alta estimativa de Josefo sobre Moisés. Ele observa que os escritos de Moisés servem como evidência antiga das origens de Israel como o povo especial de Deus:

“Até hoje, os escritos deixados por Moisés têm uma força tão grande, que mesmo aqueles que nos odeiam confessam, que quem estabeleceu esse acordo foi Deus, e isso foi por meio de Moisés e de sua virtude”.

(Ant. 3:15:3, §322)

Em outros lugares, Josefo declara a respeito de sua própria obra Antiquidades e sua dependência das escrituras do Antigo Testamento:

“Nossa nação judaica é de uma antiguidade muito grande e teve uma subsistência distinta originalmente; também declarei como chegamos a habitar este país em que vivemos agora. Essas antiguidades contêm a história de cinco mil anos e são retiradas de nossos livros sagrados, mas são traduzidas por mim para a língua grega”.

(Ag. Ap. 1:1, §2)

Este historiador judeu também compara a alta consideração dos judeus pelas Escrituras com outros povos antigos e seus escritos:

“Quanto aos nossos antepassados... eles não se importaram menos em escrever esses registros (pois não direi que eles tomaram

um cuidado maior do que os outros de que falei) e que eles se comprometeram com seus sumos sacerdotes e profetas, e que esses registros foram escritos o tempo todo até os nossos dias com a máxima precisão”.

(Ag. Ap. 1:6 §29)

Ele continua:

“Não temos uma infinidade de livros entre nós, discordando e se contradizendo (como os gregos têm), mas apenas vinte e dois livros, que contêm os registros de todos os tempos passados; que são justamente considerados divinos... Tornou-se natural para todos os judeus imediatamente, e desde seu nascimento, estimar esses livros como doutrinas divinas, persistir nelas e, se for o caso, de boa vontade morrer por elas. Pois não é novidade para os nossos cativos, muitos deles em número, e frequentemente no tempo, serem vistos sofrendo torturas e mortes de todos os tipos nos teatros, que talvez não sejam obrigados a dizer uma palavra contra nossas leis e leis e os registros que os contêm”.

(Ag. Ap. 1:8 §28, 42–43)

Continua no próximo [capítulo]...

Cinco

Indicadores de “os reis da terra”

Quando abro o quinto estudo de minha análise dos “reis da terra” em Apocalipse, volto-me agora para João:

A Gramática Hebraica

Também observarei na Introdução de meus comentários o fato amplamente conhecido da gramática e sintaxe distintiva e bastante hebraica de João. Esse recurso de Apocalipse é tão impressionante que alguns comentaristas até desenvolvem uma gramática especial em suas introduções (Charles 1:CVII–CLIX; Aune CLX–CCXI), enquanto outros estudiosos escreveram trabalhos completos sobre o assunto (Mussies 1971; S. Thompson 1985).

Além disso, João parece fazer isso com um efeito dramático. Beale e Carson observam que sua gramática hebraica ‘uivadores’ são “tentativas deliberadas de expressar semitismos e septuagintismos em seu grego, a analogia mais próxima é a das traduções da LXX [Septuaginta]”. Assim, toda a experiência original em leitura e audição de Apocalipse é fortemente judaica.

Indicadores-chave

Em um livro que parece judeu e orientado para o Antigo Testamento, também descobrimos abundantes imagens judaicas e até declarações diretas contra os judeus. Por exemplo, duas das sete cartas destacam forte oposição às igrejas das sinagogas judaicas locais em Esmirna e Filadélfia. Nessas duas cartas, Jesus acusa os judeus de blasfêmia e mentira sobre sua pretensão de serem judeus verdadeiros, enquanto os ridicularizavam como “sinagogas de Satanás” (Apocalipse 2:9; 3:9). Curiosamente, essas são as duas únicas igrejas que não recebem repreensão (contra Apocalipse 2:4, 14, 20; 3:2, 4, 15–16).

As imagens do templo e a adoração ritual aparecem abundantemente em Apocalipse (ver: Paulien 1995; Stevenson). Por exemplo, em Apocalipse, vemos o templo em (Apocalipse 7:15; 11:1, 19; 14:15, 17; 15:5, 8; 16:17), incenso (Apocalipse 5:8; 8:3; 18:13), figuras sacerdotais (Apocalipse 1:13; 15:6), altar (Apocalipse 6:9; 9:3, 5; 9:13; 11:1; 14:18; 16:7), cordeiro morto (Apocalipse 5:6, 12; 13:8), taças de ouro (Apocalipse 5:8, 15:7), adoração (Apocalipse 4:10; 5:14; 7:11; 11:1, 16; 15:4), canto (Apocalipse 5:9, 11 –12; 14:2; 15:3; 19:6) etc.

Edersheim expressa isso com força:

“De fato, o Apocalipse, como um todo, pode ser comparado aos serviços do Templo ao misturar serviços proféticos com adoração e louvor. Mas é especialmente notável que as referências ao templo com as quais o Livro do Apocalipse é abundante são geralmente minuciosas, que um escritor que não conhecia tão bem esses detalhes, como apenas o contato pessoal e o envolvimento com eles poderiam ter prestado a ele, dificilmente foram notados, certamente não empregados como parte de suas imagens”.

Não apenas isso, mas Apocalipse frequentemente alude ao discurso das Oliveiras de Jesus (Mateus 24; Marcos 13; Lucas 21), que é uma profecia contra o templo (Mateus 23:38–24:3) e a Judéia (Mateus 24:16) e que é a ocorrer no primeiro século (Mateus 24:34). Considere as seguintes amostras.

Em Apocalipse 1:7, o versículo temático de João é paralelo à afirmação de Jesus em Mateus 24:30. Ambas as passagens falam do julgamento de Cristo “vindo sobre as nuvens” contra “as tribos da terra”. Em todas as Escrituras somente Apocalipse 1:7 e Mateus 24:30 mesclam Daniel 7:13 e Zacarias 12:10. Beale comenta:

“Mateus 24:30 pode ter influenciado João a usar a mesma combinação aqui”.

Swete comenta que Mateus “vira a sentença exatamente como João”. Em Apocalipse 6:1 e seguintes “o conteúdo corresponde muito ao discurso escatológico de Jesus em Lucas 21:9–36” (Smalley 146; cp. Carlos 1:XXXV; Kistemaker 224).

Em Apocalipse 11:1–2, uma voz instrui João a medir o “templo de Deus” que fica na “cidade santa” onde o “Senhor foi crucificado” (Apocalipse 11:8) para que possa ser “pisado pelos pés” pelas nações. Isso “parece ser paralelo a Lucas 21:24” (Beale 569). De fato, Scott observa que “dificilmente é possível escapar da conclusão” de que Apocalipse 11 está usando Lucas 21 (citado em Payne 1973:616). Assim, reflete a advertência de Jesus contra Israel do primeiro século e seu templo (Lucas 21:24; cp. Lucas 21:5-6). Em Apocalipse 18:24, a prostituta julgada tem dentro dela “o sangue dos profetas e dos santos e de todos os que foram mortos na terra”. João tira essa linguagem do contexto da profecia de Jesus contra Jerusalém, onde profere sete aflições contra os escribas e fariseus que ocorrerão nesta “geração” (Mateus 23:35–36).

Comentando em Apocalipse18:24 Swete afirma que “é notável que o mesmo seja dito de Jerusalém antes de sua queda”. O objetivo glorioso do livro é a vinda da nova Jerusalém (Apocalipse21:2, 10) para substituir a antiga Jerusalém histórica. Smolarz, referindo-se a Bauckham, observa que “ele explicou que João conscientemente integrou várias partes de sua obra em um todo literário... O livro inteiro é uma composição direcionada ao seu clímax em Apocalipse17:1–19:10 e 21:99–22:9; a destruição da prostituta Babilônia e a substituição pela noiva do Cordeiro, a nova Jerusalém”. Essas e muitas outras alusões refletem uma forte preocupação com o histórico Israel do primeiro século.

Todas essas tendências judaicas/hebraicas dentro doApocalipse se encaixam bem com a composição das sete igrejas. Como observa Lambrecht (em Bieringer 2001:279n): “provavelmente a maioria dos cristãos nas igrejas do Apocalipse eram judeus que ainda se consideravam ‘judeus’” (cp. Keener 71). Podemos supor isso não apenas pela alta concentração de judeus na Ásia Menor e pela prática geral dos cristãos que operam entre os judeus (Atos 13:14; 14:1; 17:1, 10; 18:4, 19, 26; 19:8), mas também pelo fato de que nas cartas a duas das igrejas de Apocalipse o título de “judeu” é negado aos judeus raciais e reivindicado pelas igrejas (Apocalipse2:9; 3:9).

Assim, se interpretarmos os “reis da terra” como representando as autoridades religiosas de Israel, eles se encaixariam perfeitamente no forte cenário histórico-redentor do Novo Testamento de transição da antiga aliança para a nova aliança, bem como no drama judaico de Apocalipse do cordeiro morto, o que leva a uma “nova” Jerusalém. As primeiras pregações apostólicas culpam repetidamente os judeus pela crucificação de Cristo (Atos 2:22-23, 36; 3:12-14; 4:10; 5:24, 28-30; 10:39). Mas o foco principal dessa culpa recai sobre os líderes religiosos de Israel (Mateus 26:59, 66; 27:1; Marcos 14:64; Lucas 23:22-23; 24:20; Atos 7:52 [cp. Atos 6:12 -7: 1]; 13:27-29; 1ª Tessalonicenses 2:14-15).

Seis

Os “reis da terra” e o método de João

Esta é a minha sexta parte de um estudo sobre a frase “os reis da terra” em Apocalipse. Essa designação importante precisa ser entendida adequadamente para compreendermos o significado dos julgamentos do Apocalipse. Neste estudo, considerarei o Método Interpretativo de João.

Já aponte o amplo consenso acadêmico que João extrai em grande parte do Antigo Testamento a sua principal fonte. Agora, gostaria de me concentrar brevemente em como ele emprega suas fontes do Antigo Testamento. Isso será ilustrado em abundância no comentário, mas aqui vou resumir dois métodos literários específicos que ele usa. Estes são importantes para identificar os “reis da terra”. Os dois métodos nos quais vou me concentrar são: reaplicação das Escrituras e ironia retórica.

Reaplicação das Escrituras

Compreender como João emprega o Antigo Testamento é importante, pois, embora “alusões e ecos sejam encontrados em quase todos os versos do livro”, ele “raramente cita diretamente o Antigo Testamento” e não tem “nenhuma citação formal” (Beale e

Carson). A razão pela qual ele nunca cita formalmente o Antigo Testamento parece ser que ele está apresentando sua obra como profecia (Apocalipse 1:3; 22:7, 10), na qual ele está assumindo o manto profético e imitando intencionalmente a linguagem profética do Antigo Testamento enquanto fala do julgamento vindouro sobre Israel. Mazzaferri certamente está correto ao notar que João “cria seu estilo de imitar o hebraico bíblico clássico”, a fim de reforçar sua identidade “como profeta no estilo clássico do Antigo Testamento”.

João não apresenta tanto o cumprimento das profecias do Antigo Testamento - é por isso que ele nunca as cita diretamente. Pelo contrário, ele está adaptando-as e reaplicando-as a novas circunstâncias. Embora Beale e Carson argumentem que “as profecias do Antigo Testamento são cumpridas em Apocalipse”, eles admitem que as várias profecias do Antigo Testamento “podem ser cumpridas de várias maneiras”, incluindo a sujeição a “mudanças criativas” e até sendo “reformulado e aplicado de forma criativa”. De fato, “existe um consenso unânime de que João usa o Antigo Testamento com um alto grau de liberdade e criatividade” (Beale).

Em relação à tendência de João à adaptação, Mulholland observa bem:

“A realidade de sua visão, portanto, foi experimentada e transmitida através da matriz de linguagem, mitos e símbolos que foram extraídos principalmente do conjunto de imagens do Antigo Testamento e do judaísmo intertestamental... Frequentemente, a linguagem, as imagens e até as formas literárias são “distorcidas” a serviço de uma experiência que transcende os limites dos antigos quadros de referência. A realidade que João experimentou foi apenas obscurecida ou intimada por grande parte de seu conjunto de imagens predominante. Assim, João combinou imagens e símbolos antigos de novas maneiras, a fim de expressar as profundezas da realidade que experimentou. As velhas imagens, mitos e símbolos tornaram-se flexíveis e polivalentes a serviço de uma experiência visionária multifacetada. No entanto, elas

mantiveram o significado suficiente para ajudar significativamente a entender o que João está transmitindo”.

Como Corsini afirma sobre João, “seu método usual” é “pegar uma passagem em seu significado original e depois aprofundá-la, alterando-a conforme ele a usa”.

Consequentemente, as alusões de Apocalipse ao Antigo Testamento frequentemente se referem a algo diferente daquele sobre o qual os profetas falaram originalmente. Por exemplo, “Egito” e “Babilônia” têm significados históricos concretos no Antigo Testamento. No entanto, João usa esses vilões do Antigo Testamento em Apocalipse, mantendo seu caráter maligno enquanto reaplica seu significado histórico. Assim, Jerusalém, o lugar onde o Senhor foi crucificado é misticamente chamada “Egito” em Apocalipse 11: 8. No comentário, argumentarei que Babilônia também representa Jerusalém, pois ela aparece em trajes de sumo sacerdócio em Apocalipse 17:4-5 e é distinguida das “cidades das nações” em Apocalipse 16:19. Isso sugere que João pode até usar outros agentes e nações do Antigo Testamento de uma maneira nova e dramática. Isto permite que suas referências aos “reis da terra” possam ter um significado muito diferente do seu uso no Antigo Testamento. De fato, esse uso criativo do Antigo Testamento permite a João empregar poderosamente um segundo artifício literário: a ironia retórica.

Ironia retórica

A ironia é um fator inescapável e amplamente reconhecido no drama do Apocalipse. João se envolve em “transformações simbólicas notáveis”, na medida em que “inverte completamente o valor de certos símbolos de poder e conquista, transformando-os em imagens de sofrimento e fraqueza” (Barr). O exemplo mais dramático disso é

o Cordeiro morto, apresentado como o vencedor final (Apocalipse 5:6, 12; 17:14). Nessa linha, também vemos vestes sendo lavadas e embranquecidas em sangue (Apocalipse 7:14), cristãos vencendo pelo sangue do Cordeiro (Apocalipse 12:11) e sendo abençoados pela morte (Apocalipse 14:13). Outras transformações incluem o anjo da igreja de Sardes ter “um nome de que você está vivo, mas está morto” (Apocalipse 3:1), um leão que aparece como um cordeiro (Apocalipse 5:5), homens pedindo que montanhas e pedras caiam sobre eles para escondê-los (Apocalipse 6:16a), um cordeiro que exerce ira (Apocalipse 6:16b).

A ironia de Apocalipse também pode envolver uma surpreendente reaplicação de textos ou frases do Antigo Testamento que se aplicavam originalmente a uma coisa, mas agora se aplicam ao contrário. Por exemplo, Beale e Carson observam a respeito de Apocalipse 3:9 que “promessas feitas a Israel, profetizadas para serem perseguidas pelas nações, agora são ironicamente aplicadas e entendidas como cumpridas em crentes gentios perseguidos por Israel”. Nesta passagem, Beale escreveu que:

“...refere-se a profecias de Isaías que os gentios virão e se curvarão diante de Israel e reconhecerão Israel como o povo escolhido de Deus (Isaías 45:14; 49:23; 60:14). Essa esperança judaica foi invertida. Agora são os perseguidores judeus dos cristãos que Deus fará se submeter à Igreja. Essa reversão da linguagem de Isaías é provavelmente uma tentativa consciente de expressar a ironia que a submissão que judeus étnicos incrédulos esperavam receber dos gentios, eles mesmos seriam forçados a prestar à Igreja. João conclui que os judeus étnicos se tornaram como gentios incrédulos por causa de sua rejeição a Cristo e perseguição aos cristãos”.

Muitos comentaristas concordam com essa análise de Apocalipse 3:9 (por exemplo, Hort; Swete; Caird; Kistemaker; Smalley; Osborne).

Essa reversão irônica não ocorre simplesmente em Apocalipse 3:9, pois Beale fala de várias alusões ao Antigo Testamento de João, envolvendo muitas vezes “ironias retributivas” que viram o inimigo contra o povo de Deus. Ele vê essa ironia polêmica em ação em numerosas passagens em Apocalipse, 12:4, 9 (cf. Daniel 8:10), Apocalipse 5:6-7 (cf. Daniel 7:7ss), Apocalipse 13:7-8 (cf. Daniel 7:14), Apocalipse 13:14 (cf. Êxodo 3:14). Essa prática é mesmo seguida pelos essênios em Qumran, que se separam de Israel e de seu estabelecimento sacerdotal corrupto. Por exemplo, Provan observa que, no 4QpNah, o escritor “acomodou todo o teste de Naum a Jerusalém ('Nínive'), indicando a maneira pela qual mesmo textos que não se referiam originalmente a Israel sem fé poderiam ser lidos como se fossem”.

Essa prática é importante, pois muitas vezes na Septuaginta (LXX) a frase “reis da terra” se refere a líderes de povos gentios além das fronteiras de Israel (1º Reis 4:34; 10:23; 2º Crônicas 9:23; Salmo 148:11; Isaías 24:21; Lamentações 4:12). De fato, a fonte primária de João aqui é o Salmo 89:27: “Eu também o farei meu primogênito/o mais alto dos reis da terra”. Estou sugerindo que João adota essa frase que é usada no Antigo Testamento em referência aos inimigos de Deus e aos gentios e a transforma para Israel - por uma reaplicação irônica - contra os judeus do primeiro século, aplicando essa imagem maligna a seus próprios líderes religiosos.

Essa ironia aparece em Lamentações 4:12, que menciona os “reis da terra” de uma maneira especialmente relevante:

“Não creram os reis da terra, nem todos os moradores do mundo, que entrasse o adversário e o inimigo pelas portas de Jerusalém”.

No Apocalipse, João estará reformulando esses “reis da terra” como autoridades religiosas judaicas que testemunharão a destruição final de Jerusalém.

Quando João emprega reversão irônica, ele está seguindo o exemplo dos profetas do Antigo Testamento. Por exemplo, em Isaías 1:10, Isaías escreveu:

“Ouvi a palavra do Senhor, vós poderosos de Sodoma; dai ouvidos à lei do nosso Deus, ó povo de Gomorra”.

Isaías faz isso porque o Israel rebelde mostra seus pecados como Sodoma (Isaías 3:9; cp. Ezequiel 16:49). Vemos isso na própria denúncia de Jesus às cidades judaicas quando ele as compara com Sodoma (Mateus 10:15; 11:23). De fato, essa reaplicação dos “reis da terra” segue a prática da igreja apostólica (que inclui o próprio João, Atos 4:13, 19) de ironicamente a reaplicação do Salmo 2. Em Atos 4:26–27 “os reis da terra” incluem “Herodes e Pôncio Pilatos, juntamente com os gentios e os povos de Israel”(Atos 4:26–27) (veja abaixo a discussão sobre Atos 4).

Curiosamente, ao longo de seu evangelho, João registra repetidamente Jesus sendo chamado de “rei dos judeus” (João 18:33, 39; 18:33, 39; 19:3, 14, 19, 21) ou “rei de Israel” (João 1:49; 12:13). Quando Pilatos se oferece para libertá-lo como “o rei dos judeus” (João 19:14), os judeus rejeitam veementemente a oferta declarando que não querem outro rei além de César (João 19:12, 15). Apocalipse mostrará como sua aristocracia religiosa esgotou-se com César ao rejeitar seu verdadeiro Messias (ver discussão em Apocalipse 13:11ss e Apocalipse 17:5ss). Embora Israel rejeite Cristo em deferência a César, Jesus se torna ironicamente o governante dos “reis da terra”, dos líderes de Israel. João faz isso exatamente aqui em Apocalipse 1:5 em sua introdução. De fato, Cristo é mesmo o governante de César por ser o “rei dos reis” (Apocalipse 17; 14; 19:16).

Sete

Os “reis da terra” ea “terra”

Ao abrir esta fase do meu estudo dos “reis da terra” de Apocalipse, observarei que, até esse ponto, não provei que o livro de Apocalipse de fato emprega os “reis da terra” para se referir aos líderes religiosos de Israel. No entanto, eu pavementei a estrada que viaja nessa direção. Certamente, o verdadeiro teste desta tese virá apenas através de uma cuidadosa consideração do fluxo argumentativo de Apocalipse e da exegese contextual. Mas este não é o argumento inteiro; vamos avançar um pouco mais em nossa consideração.

Vamos agora considerar um termo-chave: a palavra grega *gē*.

Para entender a identidade desses “reis”, precisamos refletir sobre os dois componentes principais em sua designação: eles são “reis” que operam sobre “a terra”. Em primeiro lugar, observarei que João os apresenta: como reis de a Terra. Então, vou me concentrar no título deles como “reis”. A frase “o governante dos reis da terra” é: *ho archōnto basileōs gēs*. As duas palavras que merecem nossa atenção são: *basileōn* (“reis”) e *gēs* (“terra”).

1. O Significado de $G\bar{e}$

$G\bar{e}$ no Antigo Testamento. De acordo com BAGD, $g\bar{e}$ carrega várias conotações que requerem traduções diferentes:

- (1) “Superfície da terra como habitação da humanidade, terra”.
- (2) “Habitantes da terra, pessoas, humanidade”.
- (3) “Porções ou regiões da terra, região, país”.
- (4) “Terra seca em oposição ao mar, terra”.
- (5) “Superfície semelhante à terra que forma o fundo de um corpo de água, solo, fundo”.
- (6) “Terra em referência a áreas limitadas e ao material que forma sua superfície”, incluindo as traduções: terreno, solo ou terra.

Creio que a conotação apropriada do termo na frase de João é a terceira: “região, país”. O NICNTT (1:517) observa esse uso:

“Surgiu o significado 'terra', como área controlada por um único estado por analogia, ao lado desses significados naturais”.

Ou seja, as conotações fundamentais do termo significam vários aspectos do reino criado ou da própria humanidade, enquanto esse uso prolongado é uma construção sócio-política que muda com as fortunas de povos e nações.

Mais particularmente para o nosso propósito atual, eu observaria que a região específica em vista é a Terra Santa, a Terra de Israel. Isso é significativo, pois o caráter hebraico de Apocalipse sugere bastante

prontamente essa tradução, em que “a Terra Santa é uma categoria central no judaísmo” (DJBP). De fato, “tornou-se central em sua identidade nacional que seu lugar estava na terra” (Sandy). De acordo com o TDNT (1:677): *gē* aparece frequentemente em textos que falam da “terra prometida a Abraão” (por exemplo, Gênesis 12:1; Atos 7:3; Hebreus 11:9).

De fato, no que diz respeito ao uso do Antigo Testamento AB (4:144, 145) observa que “na maioria dos contextos, 'terra' é identificada como a terra para a qual Israel tem direito”, notando que é frequentemente chamada de 'herança' de Deus (Números 34:2, 29; 36:2; Deuteronômio 3:28; 4:21; 15:4; 19:14; 25:19; 31:7; 1º Samuel 26:19; 2º Samuel 14:16; 1º Reis 8:36; 1º Crônicas 16:18; Salmos 68:9; 79:1; 105:11; Jeremias 2:7; 3:18; cp. Atos 13:19) e que também aparece como a “terra da possessão” (Êxodo 6:8; Levítico 14:34; Números 33:53; Deuteronômio 1:21; 2:12; 4:22; Josué 1:6; 12:7; Ezequiel 33:24; Amós 2:10).

Assim, representa “a terra de Israel” (cf. 1º Samuel 13:19; Ezequiel 40:2; 47:18; 1º Crônicas 22:2; 2º Crônicas 2:16; 34:7), “a terra do Senhor” (Isaías 14:2; Josué 22:19; Oséias 9:3), “Minha terra” (2º Crônicas 7:20; Isaías 14:25; Jeremias 2:7; Ezequiel 36:5; 38:16; Jeremias 16:18; Joel 1:6; 3:2; 4:2), “Sua terra” (Deuteronômio 32; 43; Isaías 36:18; Ezequiel 36:20; Joel 2:18, a terra que o Senhor jurou aos pais (Deuteronômio 1:8, 35; 6:10, 18, 23; 8:1; 10:11; 11:9; 19:8; 26:3; 30:20; 31:7, 23) Em Zacarias 2:12 e 2º Macabeus 1:7 é encontrado a frase “terra santa”. Em outros lugares, é chamado de “santa” (Salmo 78:54; Isaías 57:13). Portanto, Deus concede a ela um status especial que exige legislação protetora (Levítico 25:23ss). .

Esse uso particularmente abundante de *gē* é significativo, pois a promessa de terra a Israel é central para o convênio de Deus com ela (por exemplo, Gênesis 12:1–7; Êxodo 3:7–18; 6:2–8). A Terra é uma das três realidades que dominam sua devoção: a Terra, Jerusalém e o Templo. Como NIDOTTE (1:522) coloca: “a terra em que Israel

viveu constitui um dos principais focos teológicos e étnicos da fé de Israel e das escrituras do Antigo Testamento” (cp. ISBE2 3:71). Quando Deus estabelece Israel como nação, seus documentos fundadores elevam a Terra como a primeira dessas grandes esperanças:

“Em termos do Hexateuco [os seis primeiros livros da Bíblia], provavelmente não há ideia mais importante do que a expressa em termos da terra prometida e posteriormente concedida pelo Senhor”.

De fato, “o motivo da Terra Prometida é um padrão importante no Pentateuco e no livro de Josué” (DBI), que registra os fundamentos históricos de Israel como povo, sociedade e nação. A Terra também é “de importância central para todos os” profetas escritores” (AB 4:149).

De fato, “o destaque da Terra de Israel na Bíblia é o resultado de profunda convicção religiosa, permeando toda a literatura judaica sagrada”, de modo que “dificilmente é exagero afirmar que Sião é o tema central da Bíblia. Desde o momento em que Deus instruiu Abraão ‘a ir para a terra que eu lhe mostrarei’, a Terra Santa tornou-se o assunto junto com o povo de Israel”(Halkin). De fato, “tornou-se central em sua identidade nacional que seu lugar estava na terra” (Sandy). “O próprio nome dos judeus (Ioudaioi) os ligava à terra (Ioudaia) da qual se poderia derivar” (J. Barclay).

Por ser um presente de Deus para Israel, a Bíblia fala disso em termos brilhantes. É chamada “uma terra extremamente boa” (Números 14:7), “uma terra agradável/a mais bela herança das nações” (Jeremias 3:19), “uma boa terra, uma terra de riachos de água, de fontes e mais fontes, fluindo em vales e colinas; uma terra de trigo e cevada, de videiras e figueiras e romãs, uma terra de azeite e mel; uma terra onde comereis comida sem escassez, na qual não faltará nada; uma terra cujas pedras são de ferro e de cujas colinas

você pode cavar cobre”(Deuteronômio 8:8–9). É “uma terra pela qual o Senhor teu Deus se importa; os olhos do Senhor, teu Deus, estão sempre nela, desde o princípio até o fim do ano”(Deuteronômio 11:12). É “a sua terra, com as coisas escolhidas do céu” (Deuteronômio 33:13).

Amaru observa bem:

“Uma leitura, muito menos uma leitura atenta, dos textos massoréticos ou da Septuaginta da Torá e dos Profetas revela imediatamente a importância da teologia da terra no pensamento clássico judaico... De fato, a ideia de terra pactuada é tão dominante nela que se pode descrevê-la como o principal tema da introdução patriarcal à história bíblica de Israel.

Ao longo da narrativa bíblica do período patriarcal, a terra é um foco central para promessas e por descrever o relacionamento de Deus com os antepassados e seus descendentes; nunca... o pacto é apresentado sem alguma referência à promessa da terra”.

Em Oséias, por exemplo, o equivalente hebraico (*ʾerets*) ocorre dezenove vezes, com dez deles significando ‘terra’ no sentido de morada para um único povo’, de modo que ‘o significado de ‘terra’ é essa área em que Israel vivia”(Wolff).

Significativamente, “o tema da terra é tão onipresente que pode ter maior pretensão de ser o motivo central no Antigo Testamento do que qualquer outro, incluindo 'aliança”, pois é “o símbolo tangível da fidelidade de Deus, a expressão concreta da aliança e do relacionamento e o objetivo das andanças de Israel onde o povo encontrará descanso” (AB 4:146, 147). A esperança de Israel estava fortemente ligada à Terra (cf. Êxodo 20:12; Salmos 25:13; 37:9, 11, 22, 29, 34; Isaías 49:8; 57:13; 60:21; Ezequiel 40; 45).

Como resultado, “não se pode exagerar a importância da imagem da terra para a mente e o coração do Antigo Testamento”, de modo que “próximo ao próprio Deus, o desejo de terra parece dominar todas as outras”, sendo “uma obsessão virtual pelos patriarcas” (DBI). “A vida e a experiência judaicas estavam centradas na realidade territorial da Terra de Israel e Jerusalém, sua capital, no Templo em seu meio e nas pessoas que viviam na terra e em Jerusalém” (Safrai e Stern).

Consequentemente, nas fontes extra bíblicas, o judeu devoto considera Israel a “terra santa” (Sabedoria 12:3; 2º Macabeus 1:7; 3º Macabeus 3:73, 5; 2º Baruque 65:9, 10; 71:1; Filo, Embaixada 30§205; 42§330; Herdeiro 40 §293; Irmão Or. 3:266ff; 5:281; Sabedoria 12:3). Eles também podem se referir a ela como a “terra boa” (Tobias 14:4-5; Jó 13:2, 6; 1º Enoque 89:4); “A grande terra da Judéia” (Oráculos Sibilinos 5:328); “Judéia deliciosa”, que é “a terra de [de Deus]” (Oráculos Sibilinos 5:263, 265); “A terra mais preciosa de todas para você [Deus]” (Sabedoria 12:7).

De fato, por causa de sua centralidade nas esperanças e aspirações judaicas “30% da Mishnah prescreve orientações que só podem ser praticadas dentro da terra” (Burge). Dois exemplos da literatura rabínica ilustram a ênfase judaica na terra. De acordo com m. Kel 1:6–9, existem “dez graus de santidade” e “a terra de Israel é mais santa do que qualquer outra terra”. R. Akiba expressa a profunda devoção à terra: “aquele que está sepultado em outras terras que não a Terra Santa é como se ele estivesse enterrado na Babilônia”(ARN). Poderíamos citar dezenas dessas declarações na literatura rabínica antiga.

Oito

Os “reis da terra” e a “terra”

Continuo um breve estudo dentro de um estudo. Estou focando a pequena palavra com uma grande média: a palavra “terra” ou *gē* em grego.

O uso de *Gē* no Novo Testamento

Em vários lugares do Novo Testamento, essa palavra fala da Terra Prometida como um todo, ou de parte dela. Podemos encontrar alguns dos usos mais óbvios em frases como “a terra de Judá” (Mateus 2:6), “a terra da Judéia” (João 3:22), “a terra de Israel” (Mateus 2:20, 21), “a terra de Zebulom” (Mateus 4:15), “a terra de Naftali” (Mateus 4:15) e “a terra dos judeus” (Atos 10:39). Assim, sob considerações puramente lexicais, o termo pode ser entendido como designando a Terra Prometida, de modo que esses *gēs* se tornem “um semitismo traduzindo *hā'āre* (= Palestina)” (Van De Water).

Como observado acima, João está expandindo o discurso das Oliveiras de Jesus, que ele próprio ouviu (Mateus 24:1). Sendo assim, as palavras do Senhor necessariamente exercerão influência sobre o Apocalipse. Naquela profecia, o foco de Jesus está na destruição do

templo (Lucas 21: 5–6) e na ira de Deus sobre Jerusalém e Judéia (Lucas 21:20–24). Portanto, ele adverte sobre os que estão na Terra:

“Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! porque haverá grande aperto na terra [*epitēsgēs*], e ira sobre este povo”.

(Lucas 21:23)

Isso se refere claramente à Terra de Israel - embora as aparências circundantes de *gē* tenham um referente diferente, o mundo inteiro: Lucas 21:25 contrasta os corpos celestes com a terra; Lucas 21:33 fala da terra passando; e provavelmente Lucas 21:35.

Com a vinda da Nova Aliança em Cristo e o cumprimento das promessas do Antigo Testamento, o Novo Testamento não enfatiza a Terra (Davies; Walker; Robertson). De fato, o próprio Jesus toma seu lugar nas esperanças e aspirações do povo de Deus (ver Burge 2010). Como veremos, as frequentes referências de Apocalipse ao julgamento de *hēgē* ajudam a ilustrar a remoção da nova aliança do significado da Terra para o povo de Deus. Em Apocalipse Torna-se (ironicamente!) a esfera do julgamento e da angústia, em vez do lugar de descanso e esperança.

O uso de *Gē* em Apocalipse

Estou argumentando que, em Apocalipse, um significado importante e frequente de *hēgē* é “a Terra”. É claro que, como em todos os outros livros das Escrituras, Apocalipse pode usar a palavra em qualquer um de seus vários sentidos. Mas acredito que a maioria das aparências se refere à Terra pelas razões a seguir. Stuart afirma que *GES* como *eretx* “é mais ou menos extensa, como a natureza das demandas de contexto. Aqui [em Apocalipse 6:4], não a terra inteira, mas a terra da Palestina é especialmente indicada”.

Agora considere:

Primeiro, o foco de 2000 anos da história redentora na Terra (começando com Abraão, Gênesis 12), que domina os 1500 anos de revelação da Antiga Aliança (começando com Moisés) quando associado ao uso abundante de João do Antigo Testamento como sua principal fonte de imagem. Isso sugere que o próprio João poderia estar se referindo a essa realidade fundamental da revelação bíblica, especialmente nisso: Segundo, a apresentação intencionalmente hebraica de João, que imita os profetas da Antiga Aliança que frequentemente se concentravam em Israel e em sua terra - prometem explicar seu banimento. Quando comparamos Apocalipse com o evangelho de João, vemos que João pode escrever grego de uma forma mais polida e aceitável. Algo está acontecendo em Apocalipse para explicar seus solecismos.* Devemos lembrar que João foi chamado para trabalhar entre os “circuncidados” (Gálatas 2:9) que teria mantido vivo seu trato com a questão da Terra.

Terceiro, suas claras e repetidas expectativas de curto prazo (Apocalipse 1:1, 3; 22:6, 10) introduzindo essas profecias que abalam a terra e colapsam o universo. Como ele espera que algo se aproxime rapidamente para cumprir suas profecias, isso exige eventos de dramáticas consequências históricas. Isso se encaixaria no colapso dos 1.500 anos de adoração sacrificial formal e judaica centralizada, primeiro por meio de um tabernáculo, depois pelos 1000 anos restantes em um templo. Quando olhamos para o primeiro século, não encontramos mais nada nessa ordem de magnitude para a história redentora. De fato, com a vinda de Jesus como o ponto central da história redentora e a articulação da Aliança que conduz ao firme estabelecimento da Nova Aliança, devemos esperar seu interesse na

* **Solecismos** - intromissão, na norma culta de uma língua, de construções sintáticas alheias à mesma, ger. por parte de pessoas que não dominam inteiramente suas regras

(p.ex., os chamados erros de concordância, de regência, de colocação, a má construção de um período composto etc.).

questão da Terra como o local onde o povo da antiga aliança e o culto operado.

Quarto, Apocalipse atinge seu clímax no aparecimento da “nova Jerusalém” (Apocalipse 21:2, 9). Como essa é uma “nova” realidade, ela deve substituir a antiga e original Jerusalém histórica na Terra (cp. Gálatas 4:25–31; Hebreus 12:22–24). Jerusalém e a Terra dominam a experiência da Antiga Aliança como cenário histórico das promessas de Deus. Quinto, como mostrarei em Apocalipse 1:7 (veja o comentário abaixo), o tema de João é o julgamento (metafórico) de Cristo contra Israel. Em seu aviso no Discurso das Oliveiras sobre esse mesmo evento (cf. Apocalipse 1:7, com Mateus 24:30), ele exorta seus seguidores a deixarem a Judéia o mais rápido possível (Mateus 24:16–19).

Malina argumenta da mesma forma do ponto de vista das ciências sociais:

“A palavra grega *gê* pode significar “terra”, “terreno”, “território” ou algo semelhante. O significado da palavra depende do sistema social e do ponto de vista do falante. Como o profeta João é de origem israelita, preocupado com um senhor cósmico chamado Jesus Messias (uma categoria exclusivamente israelita), usa as escrituras israelitas para seus grupos encontrados em enclaves israelitas (cuja presença é indicada por referências nas cartas a Esmirna e Filadélfia [Apocalipse 2:9; 3:9]), e olha para o surgimento de uma nova Jerusalém (capital da Judéia), há poucas razões para esperar qualquer preocupação com os não-israelitas”.

Mais tarde, ele escreve sobre Apocalipse 8:5:

“Como já indicamos repetidamente, simplesmente não há uma razão sólida para [traduzir *gê* como “Terra”] no sentido de Planeta Terra]. O foco é a casa de Israel, especificamente a Judéia”.

(Malina)

Tudo isso explica uma peculiaridade estatística em relação a Apocalipse: a palavra *gē* ocorre oitenta e duas vezes em Apocalipse, quase um terço das vezes em que aparece em todo o Novo Testamento (250 x). A tradução “a Terra” deve aparecer com mais frequência do que na maioria dos comentários.

A título de amostragem rápida, devemos observar alguns usos bastante óbvios de *gē* “terra” nas seguintes passagens de Apocalipse. Em Apocalipse 3:10, o mundo inteiro é contrastado com a *terra* quando fala da “hora da provação, aquela hora que está por vir sobre o mundo inteiro, para testar aqueles que habitam na terra”. Quando Deus retém o “quatro ventos da terra”(Apocalipse 7:1) é para que ele possa selar os 144.000 das doze tribos dos filhos de Israel (Apocalipse 7:3-4). Os 144.000 são imediatamente contrastados com uma multidão incontável de “toda nação e todas as tribos, povos e línguas” (Apocalipse 7:9). Diz-se mais tarde que esses 144.000 foram “comprados da terra” (Apocalipse 14:3). Isso reflete a realidade histórica do Cristianismo começando em Israel, onde inicialmente era composto quase inteiramente de judeus. O anjo prega o evangelho “àqueles que vivem na terra, e a toda nação, tribo, língua e povo”(Apocalipse 14:6). A imagem amplamente reconhecida de Israel como videira aparece em Apocalipse 14:19, onde a foice reúne “os cachos da videira da terra”.

Essas aparências de *gē* representam a evidência mais óbvia para sua aplicação na *terra* [de Israel]. O comentário mais completo demonstrará as demandas contextuais para um uso ainda mais amplo de *gē*. Na tabela a seguir, separarei os usos de *gē* em Apocalipse como eu os entendo. Eu observaria que o termo aparece oitenta e duas vezes em Apocalipse, com 64% falando da *terra* [de Israel].

Os usos de *Gē* em Apocalipse

"A terra" (de Israel) 52x (64+%)	Não significa "a terra" (de Israel) 24x (29+%)	Significado incerto, indiferente ou duplo 5x (6%)
1:5, 7; 3:10; 6:4, 8a, 10; 6:15; 8:5, 7 (2x), 13; 9:1, 3a, 11:6, 10 (2x); 11:18; 12:4, 9, 12(?) ; 13:8, 11, 12, 13, 14 (2x); 14:3, 6, 15, 16 (2x), 18, 19 (2x); 16:1, 2; 17:2 (2x), 5, 8, 18; 18:3 (2x), 9, 11, 23, 24; 19:2, 19; 20:9; 21:24	5:3 (2x), 6, 10, 13 (2x); 7:1b (2x), 2, 3 (4x); 9:4; 10:6; 11:4; 13:3; 14:7; 16:18; 18:1; 20:8, 11; 21:1 (2x)	6:8b, 13; 7:1a; 9:3b; 12:16 (2x)

No comentário, demonstrarei o significado dramático da tradução “a terra” para *hē gē*. Embora “a terra” em si seja significativa, seu significado se intensifica quando aparece nas duas frases mais importantes que as envolvem: “os reis da terra” (Apocalipse 1:5; 6:15; 17:2, 18; 18:3, 9; 19:19; 21:24) e “os que habitam [*katoikeō*] na terra [*epitēsge*]” (Apocalipse 3:10; 6:10; 8:13; 11:10; 13:8, 12, 14; 17:2, 8).

Em Apocalipse 1:7, Beale contesta essa interpretação, argumentando que “*gē* (“terra, a terra”) não pode ser uma referência limitada à terra de Israel, mas tem uma denotação universal”. Embora aqui ele faça isso em Apocalipse 1:7 por causa de que o verso associa a terra a “todas as tribos”, ele nunca permite que essa palavra signifique simplesmente a Terra de Israel em qualquer lugar no Apocalipse. Eu apontaria, porém, que alguns dos métodos de Beale permitem esse uso e podem ser usados para combater o argumento dele. Por exemplo, em relação a Apocalipse 3:9, Beale observa que “as promessas feitas a Israel, profetizadas para serem perseguidas pelas nações, agora são ironicamente aplicadas e entendidas como cumpridas nos crentes gentios perseguidos por Israel”.

Como afirmo acima, essa reaplicação irônica da profecia também pode explicar a reaplicação irônica da frase “os reis da terra” do Antigo Testamento, a fim de se referir à aristocracia do sumo

sacerdócio de Israel, seguindo as linhas do método de João em 3:9. Isso seria uma ironia retórica especialmente significativa, pois ele se concentra em Israel cuja sinagoga não é mais “a sinagoga do Senhor” (Septuaginta: Números 16:3; 20:4; 31:16; cf. Salmo 17:18; (Filo, Post. 19§67), mas uma “sinagoga de Satanás” (Apocalipse 2:9; 3:9) e cuja “cidade santa” (Apocalipse 11:2) Jerusalém se torna “mística... Sodoma e Egito”(Apocalipse 11:8).

Além disso, Beale argumenta junto com Vanhoye e Vogelgesang e muitos outros pela prática de João de “universalização”. Por esse método, João “tem uma tendência a aplicar ao mundo o que o Antigo Testamento aplicava apenas a Israel ou a outras entidades” aceitas. Mas eu argumentaria que João também pode empregar um método oposto em Apocalipse, que poderíamos chamar de “localização”. Ou seja, como o foco de João está no julgamento de Cristo sobre Israel (cf. Apocalipse 1:7), ele pode reorientar o idioma do julgamento globale aplicá-lo a Israel como uma realidade local. Afinal, “João reescreve criativamente o Antigo Testamento e muda sua aplicação” (Beale). Se ele pode universalizar algumas passagens e conceitos proféticos, por que não pode também localizar outras passagens e conceitos proféticos? Assim, João pode se envolver em mais de uma forma de “uso invertido ou irônico”, “ironia polêmica, e “ironias retributivas” como um “fenômeno de reversão” (Beale).

Gē na opinião acadêmica

Meu argumento para *gē* frequentemente se referindo à “*terra* [de Israel]” em Apocalipse é defendido por vários comentaristas. Os itens a seguir não necessariamente interpretam a palavra em tantos contextos de Apocalipse quanto eu (a maioria omite nosso texto, de Apocalipse 1:5). Mas eu observaria que essa abordagem interpretativa é apresentada em vários contextos em Apocalipse por: Clarke, Stuart, Desprez, Russell, Terry, Charles, Carrington, Beagley, Ford, Chilton, Leonard, Barker, Van de water, Malina e Smolarz.

Nove

“Os reis” de

“os reis da terra”

Passamos por oito parcelas de um estudo sobre “os reis da terra”, como encontrado em Apocalipse, particularmente em Apocalipse 17:18, que é uma pedra de tropeço para alguns que estão considerando o Preterismo. Agora estamos prontos para considerar:

Não é de surpreender que [a palavra grega] *basileus* seja uma palavra comum no Novo Testamento ocorrendo 115 vezes (trinta e oito delas se aplicam a Cristo). Descobrimos dezoito dessas aparições em Apocalipse (Apocalipse 1:5; 6:15; 9:11; 10:11; 15:3; 16:12, 14; 17:2, 9, 12, 14, 18; 18:3, 9; 19:16, 18, 19; 21:24). Dentro de Apocalipse, aparece na frase “reis da terra” dez vezes. No Novo Testamento, nossa frase completa ocorre apenas duas vezes fora de Apocalipse 17:25 e Atos 4:26. A palavra *basileuō* (“reinar”) ocorre vinte e uma vezes, com seis em Apocalipse (Apocalipse 5:10; 11:15, 17; 19:6; 20:4, 6; 22:5).

O significado de *basileus*

A palavra “rei” (*basileus* e cognatos) geralmente representa “quem governa como possuidor do mais alto cargo em um domínio político” (BAGD). Mas pode se aplicar a um governante político que não seja

formalmente um *basileus*, como Herodes Antipas (Mateus 14:9; Marcos 6:14) que era tecnicamente um tetrarca (Mateus 14:1; Antiquidades [Judaicas de Josefo] 17:8:1). Arquelau que era um etnarca (Jos., Vida 1; Ant. 17:11:4; 18:2:1 [116–19]; JW 2:9:1 [167]), embora ele não é chamado *basileu* no Novo Testamento, diz-se que “reina” (*basilenō*) (Mateus 2:22). Mas por causa de seu alto poder político, Josefo o chama de “rei” (*basileus*) (Ant. 17:8:2; 17:11:2; etc.).

Basileus pode até aplicar-se ao imperador romano (João 19:12, 15; JW 3:8:3§35; 4:10:3§596; 5:13:6§563), embora ele seja formalmente um príncipe e não é um rei. De fato, Josefo observa que os líderes nomeados pelos revolucionários judeus na Guerra Judaica se consideravam “reis” (JW 2:4:2-3§57-65; 2:17:8-10§278–84; 4:9:4§510; cp. Ant. 17:10:6§273–76; 17:10:7§278–85; cp. Tácito, Hist. 5:9). Carrington salienta que a palavra *basileus* pode ser aplicada mesmo a pessoas ricas, como em Horácio. Portanto, o termo pode se referir não apenas ao chefe de estado legal, mas “por extensão, um chefe ou representante de um grupo, alguém que reina ou preside a um evento” (TLNT 1:256).

Aplicação específica de *Basileus* em Apocalipse

João parece usar a frase “reis da terra” (Apocalipse 1:5) para representar as autoridades religiosas de Israel. Segundo Josefo, as mais altas autoridades de Israel incluem: “os sumos sacerdotes [*archiereis*] e os homens de poder [*dunatoi*], e os de maior eminência [*gnōrimotaton*] na cidade” (JW 2:14:8§301). Em outros lugares, ele associa aos sumos sacerdotes vários homens que ele chama de “homens de poder [*boidunatoi*]” (JW 2:15:3§318; 2:16:2§337; 2:17:5§422; 2:17:6§428; 2:22:1§648), “os sandherin [*boulē*, conselho]” (JW. 2:15:6§331), “os principais homens [*gnōrimōn*]” (JW 2:17:2§410),

a “nobreza [*eugenon*]” (JW 6:2:2§114). De fato, de acordo com Neusner (DJBP) “os principais sacerdotes parecem ter sido, de fato, a aristocracia dominante da Judéia... sob Herodes e os governadores romanos”. Afinal, “os judeus eram uma nação dedicada à religião e governavam por pais. A essência de sua nação estava no templo em Jerusalém”(Goodman). McLaren observa que “os principais sacerdotes’ são retratados como centrais para todas as iniciativas judaicas [políticas e judiciais]”.

Evans assinala que “após o colapso da dinastia davídica, o sumo sacerdote era muitas vezes a mais alta autoridade judaica” (cf. 2º Macabeus 5:5-7). Ele continua: “Após a bem-sucedida revolta dos Macabeus, a família Hasmoneana não apenas serviu como sumos sacerdotes, usurpando a sucessão zadoquita, mas até se considerou como reis” (cf. Josefo JW 1:3:1§70; Ant. 13:11:1§301; 14:12:1§320; b. Sanh. 107b). Josefo observa que, quando Pompeu conquistou Jerusalém para Roma, ele “restaurou o sumo sacerdócio em Hircano e o tornou governador da nação, mas o proibiu de usar um diadema” (Ant. 20:10:4§244). Também devemos entender que havia um “grande número de ex-sumos sacerdotes em potencial e ex-sacerdotes” em Israel do primeiro século, o que provavelmente “explica o uso do termo 'principais sacerdotes' em Josefo e no Novo Testamento”, que vemos em Marcos 14–15; Mateus 21:26–27; Lucas 22–23; João 19; Atos 4-5; Ant. 2:1:1§6, 20:8:8§181; 20:9:2§207; JW 2:12:6§243; 2:14:8 §301; 2:15:3–5 §318–36; 4:5:2 §315; 6:2:2§114) (Wardle).

Obviamente, a designação “reis da terra” poderia teoricamente incluir os governantes políticos reais em Israel que estavam associados aos imperadores de Roma (Ford): Antipater e Hircanus estão associados a Júlio (JW 1:9:3§187–203); Herodes, o Grande, com Augusto (JW. 1:20:1,§386–400). Calígula fez Agripa rei (JW 2:9:6§181); Cláudio estendeu o reino de Agripa (JW 211:5§214-16); e Nero estendeu o reino de Agripa II (JW. 2:13:2§252). Mas, dadas as abundantes imagens litúrgicas de João, provavelmente se concentra

nos governantes religiosos, nos “principais sacerdotes”, incluindo o sumo sacerdote (vários dos quais estavam vivos em um determinado momento e envolvidos no julgamento e na morte de Cristo), o capitão do templo e o outros sacerdotes de alto escalão (João 19:15, 21; Mateus 20:18; cp. Mateus 2:4; 16:21; 21:15, 23, 45), bem como o sínédrio (Mateus 26:59; Lc 22:66; Atos 4:15, 21; 6:12-15; 22:5), chefiada pela presidência do sumo sacerdote (Jeremias 1969:151). Eu argumentaria isso pelos seguintes motivos:

Josefo fala da função política dos sumos sacerdotes no primeiro século após o governo de Herodes Arquelau: “o governo se tornou uma aristocracia, e os sumos sacerdotes foram confiados a um domínio sobre a nação” (Ant. 20:10:1§251). Como Horsley coloca em outro lugar: “o próprio governo era dominado por, se não composto exclusivamente por, sumos sacerdotes, outros notáveis e fariseus líderes”. Aristeas refere-se ao sumo sacerdote como “o governante da terra”. Na Assunção de Moisés (6:3), os sumos sacerdotes asmonianos eram chamados de “reis”.

Josefo declara “por minha mãe eu sou do sangue real [*tou basilikon genous*]; os filhos do [sumo sacerdote] Asamoneus, de quem essa família era originária, tinham tanto o ofício do sumo sacerdócio quanto a dignidade de um rei [*ebasileusan*, LCL: “eram reis”], por um longo tempo juntos” (Vida 1§2). Em outros lugares, ele observa que “os sumos sacerdotes tinham um domínio sobre a nação” (Ant. 20:10:1§251). Ele até fala da “autoridade real [*hē basileia proteron*], que era uma dignidade anteriormente concedida àqueles que eram sumos sacerdotes [*archiereusin*], pelo direito de sua família” (Ant. 14:4:5§78). Ele cita Hecataeus (190 a.C.) como referindo-se aos sacerdotes que “administravam assuntos públicos [*takoinadi oikountes*]” (Ag. Ap. 1:22§188).

Hayward observa que Diodorus Siculus 40:3:5 ensina “que os sacerdotes governam o estado judeu”. Filo comenta sobre o sumo sacerdote que “o homem que é consagrado a Deus, como sumo

sacerdote, deveria, durante o exercício de seu cargo, seja superior a todos os homens, não apenas a todos os indivíduos, mas também a todos os reis” (Moisés 2:26§131). Por causa disso, o turbante do sumo sacerdote era um símbolo de sua autoridade. Na versão grega de Sir 45:12-13, lemos: “uma coroa de ouro na mitra,/Uma gravura de um selo de santidade;/a glória da honra, obra de força”. Lemos similarmente em Sabedoria 18:24: “Tua majestade estava no diadema de sua cabeça”.

Assim, “desde que o templo de Jerusalém exerceu uma influência tão poderosa sobre o judaísmo do período do Segundo Templo, os sacerdotes que o supervisionaram se tornaram os intermediários religiosos e políticos do país.... No período do Segundo Templo, no entanto, o papel político do sumo sacerdote começou a aumentar na ausência de outras formas de liderança judaica”(Wardle). Wardle até cita Paul D. Hanson em uma nota de rodapé a essa declaração, observando que “o declínio da influência real e profética no período pós-exílico pode ter sido devido em parte aos esforços do sacerdócio zadoquita para consolidar o poder”. Na p. 33 ele declara: “o sumo sacerdote e a aristocracia sacerdotal de Jerusalém intervieram para preencher o vazio deixado pela ausência de rei e profeta, situação que levou à afirmação de Josefo de que o sumo sacerdote era o governante de fato do país”. Quando Josefo fala da Judéia como uma “teocracia”(Ag. Ap. 2:17 §164–65; cp. Ant. 11:4:8§111), ele quer dizer hierarquia. Alguns chamam isso de “monarquia sacerdotal”.

De fato, o Novo Testamento pode até falar do fariseu Nicodemos como um “governante [arco] dos judeus” (João 3:1). Pedro (Atos 4:8) e Paulo (Atos 13:27) também falam dos líderes religiosos de Israel como “governantes”. O próprio Paulo aplica Êxodo 22:28 ao sumo sacerdote depois de o ter repreendido inadvertidamente, pedindo desculpas ao afirmar: “Eu não estava cientes, irmãos, que ele era sumo sacerdote; porque está escrito: 'Não falarás mal de um governante do teu povo’”(Atos 23:5). Em outros lugares, o Novo Testamento refere-se a outras pessoas como “governantes” que não

são tecnicamente “reis” (Lucas 23:13, 35; João 7:26, 48; 12:42; Atos 4:5, 8; 13:27).

Para nossos propósitos, devemos observar que “o Templo e o sumo sacerdócio eram as instituições político-econômicas centrais e dominantes da antiga Judéia, sua dimensão religiosa inseparável de sua função político-econômica” (Horsley). De fato, eles estão tão preocupados com Cristo e sua influência que o entregam aos romanos para proteger “nosso lugar [posição autoritária] e nossa nação” (João 11:48; cp. Mateus 26:14–15, 47, 57-68; 27:1-2, 20-25, 41-43, 62-66). “A hierarquia do templo que lidera o Sinédrio provoca a morte de Jesus, na medida em que são as pessoas que o entregam aos romanos” (Witherington). O julgamento de Jesus antes do Sinédrio foi conduzido no *aulê* do sumo sacerdote (pátio) ou palácio (Mateus 26:58, 69). Eles exercem sua autoridade pressionando o procurador romano Pilatos a condenar a Cristo, ao mesmo tempo em que afirmam sua lealdade a Roma (João 19:6, 12, 15).

Gostaria de salientar que vários sumos sacerdotes podem estar vivos ao mesmo tempo, na medida em que “com os sumos sacerdotes mudando constantemente, sempre havia um número considerável deles não mais no cargo. Estes também ocupavam uma posição importante e influente” (Schürer, *History* 2:232). Isso porque “o ofício conferiu ao seu portador um selo indelével em virtude do qual ele reteve, mesmo na aposentadoria, uma grande parte dos direitos e deveres pertencentes aos sumos sacerdotes oficiantes, incluindo, é claro, o título *archieus*” (Schürer, *História* 2:233). Como observa a Mishnah (m. Hor. 3:4): “um Sumo Sacerdote em exercício difere de um ex-Sumo Sacerdote apenas em relação ao boi oferecido no Dia da Expição e no Décimo do Ephah...”

A oposição a Cristo e seus seguidores surgiu das autoridades religiosas em Israel. De fato, como Klink observa: “é provável que a tensão existisse desde o início do movimento cristão”. Alexander (em Dunn, 1992, 19) observa que “a oposição variou das autoridades

centrais de Jerusalém (Sumo Sacerdote e o Sinédrio) aos líderes das sinagogas locais. Estendeu-se da Palestina (Galiléia e Jerusalém) até a Diáspora (por exemplo, Ásia Menor e Acaia). Começou no tempo do próprio Jesus e continuou inabalável no período após a crucificação”. Wenham e Robinson concordam. Vemos isso mesmo nas Escrituras no exemplo de Paulo (Atos 9:1–2; 22:5; 26:10).

Mais adiante, no comentário (veja Apocalipse 16:13; 19:20; 20:10; cp. Apocalipse 13:11) argumentarei que o “falso profeta”, também conhecido como “animal que sai da Terra”, destaca o alto cargo sacerdotal particularmente. Isso difere um pouco da denotação dos “reis da terra”, que inclui o sumo sacerdote junto com outros membros do Sinédrio e talvez outros líderes religiosos importantes.

Dez

“Os reis da terra” e o Salmo 2

Esta é minha parte final sobre a questão dos “reis da terra” em Apocalipse. Felizmente, este estudo bastante completo tem sido útil.

No Novo Testamento, descobrimos a igreja apostólica engajada no método mais pesado de interpretação das passagens do Antigo Testamento. Portanto, não apenas a comunidade contemporânea de Qumran se envolve nisso, mas também a comunidade apostólica do Cristianismo. Vou me concentrar em uma passagem do Antigo Testamento particularmente importante, cuja interpretação contemporânea será relevante para o nosso estudo atual.

Atos 4 Ilustração

Em Atos 4, lemos sobre a prisão de Pedro e João por pregar Jesus em Jerusalém (Atos 4:2–3). Os dois apóstolos são levados perante o Sinédrio (Atos 4:15), que inclui “seus governantes, anciãos e escribas e Anás, o sumo sacerdote... e Caifás e João Alexandre, e todos os que eram descendentes do sumo sacerdócio”(Atos 4:5–6). Pedro se dirige a esses homens coletivamente como “governantes e anciãos do povo” (Atos 4:8). O Sinédrio advertiu Pedro e João “a não falarem

mais com ninguém nesse nome” (Atos 4:17), “os ameaçaram ainda mais” e os deixaram ir (Atos 4:21).

Após sua libertação, os apóstolos retornaram ao corpo de crentes e “relataram tudo o que os principais sacerdotes e os anciãos lhes haviam dito” (Atos 4:23). Ao ouvir essas coisas, a igreja irrompeu espontaneamente em louvor uníssono: “eles levantaram suas vozes para Deus com um acordo” (Atos 4:24). Em sua resposta de louvor, eles instintivamente citam o Salmo 2:1–2. Witherington cita Gaventa, que observa que “esse incidente marca o início da resposta da igreja à perseguição” (Witherington).

Assim, quando começa a perseguição formal dos governantes de Israel, os seguidores de Cristo recorrem ao Salmo 2 para seu conforto e encorajamento. De fato, eles fornecem um tratamento mais pesado ao Salmo 2, aplicando-o a si mesmos (Witherington). Como observa Bock, a igreja está “pensando teologicamente” a respeito de suas circunstâncias. Ou seja, eles não apenas louvam a Deus como o Criador de todas as coisas (Atos 4:24), mas recorrem à revelação inspirada pelo Espírito nas Escrituras para uma explicação de sua situação (Atos 4:25). A resposta da igreja é significativa em vários aspectos e útil para nossa consideração do uso que João fez dos “reis da terra” em Apocalipse. Deixe-me explicar.

Primeiro, a igreja apostólica frequentemente empregava o Salmo 2, um grande salmo messiânico, não apenas para o cristianismo apostólico, mas também para muitos judeus antigos (cf. Sal. Dos Sol. 17:26 e 4QFl). Craigie observa que “o Salmo 2 é um dos salmos mais citados e mencionados no Novo Testamento”. Que a igreja primitiva usava esse Salmo com bastante frequência é evidente nas seguintes observações. (1) Eles recorrem reflexivamente ao Salmo 2 quando estão sob pressão. (2) Eles são capazes de usá-lo corporativamente e em uníssono, pois “eles levantaram suas vozes para Deus com um acordo e disseram” (Atos 4:24a). (3) Vemos esse Salmo usado mesmo em vários escritos do Novo Testamento (Atos 13:33; Hebreus 1:5;

5:5; Apocalipse 2:27; 12:5; 19:5). Assim, isso se torna uma Escritura importante para a igreja primitiva.

Segundo, a igreja apostólica se engajou em uma interpretação das Escrituras semelhante a [método de aplicação] *peshet*. Ou seja, eles pegaram as Escrituras que se referiam a outros assuntos e as aplicaram a si mesmas em sua própria situação. O Salmo 2 fala em última análise, do Messias e a oposição terrena a Ele, como explicação da passagem os crentes de Jerusalém mostram claramente: “Para [gar] verdadeiramente nesta cidade se reuniram contra Teu santo servo Jesus, a quem ungieste, Herodes e Pôncio Pilatos, juntamente com os gentios e os povos de Israel”(Atos 4:27). No entanto, eles o usam para explicar sua própria perseguição. Tendo citado e explicado o Salmo, eles dizem: “E agora, Senhor, tome nota de suas ameaças e conceda que Seus servos possam falar Tua palavra com toda confiança” (Atos 4:29). As ameaças “contra o Senhor, e contra Seu Cristo” se tornam uma ameaça para os seguidores de Cristo, e eles humildemente chamam a atenção de Deus para o assunto.

Terceiro, a igreja apostólica emprega a reaplicação irônica das Escrituras contra os judeus. Nenhum judeu lendo o Salmo original entenderia que a oposição a Cristo inclui seus próprios parentes étnicos. Afinal, o texto pergunta expressamente: “Por que os gentios (*ethnè*) se enfureceram?” E em seu paralelo poético fala de vários “povos” que “inventam coisas fúteis” (Salmo 2:1). Estabelece os reis e os governantes da terra em oposição ao Senhor e ao seu Ungido (Salmo 2:2). Fala do dom de todas as “nações” e dos “próprios confins da terra” ao Messias (Salmo 2:8). E, finalmente, adverte os reis e juizes da terra (Salmo 2:10). Todos esses elementos envolvem oponentes gentios.

No entanto, a comunidade de crentes de Jerusalém e os apóstolos entre eles são muito claros no uso da passagem. Depois de citar o Salmo, eles o interpretam como incluindo judeus entre os oponentes do Messias: “Pois verdadeiramente nesta cidade se reuniram contra

Teu santo servo Jesus, a quem ungieste, Herodes e Pôncio Pilatos, juntamente com os gentios e os povos de Israel”(Atos 4:27). Então eles pegam essa passagem que fala da oposição gentia e a reorientam para incluir a oposição judaica.

Aplicação de argumentos

Agora vou aplicar tudo isso à minha análise da frase “reis da terra”. Muitos argumentam que, como João em Apocalipse está usando uma frase do Antigo Testamento que se aplica regularmente aos governantes gentios, devemos interpretá-la em Apocalipse. Mas eu mostrei que a igreja cita o Salmo 2, que se refere à oposição gentia, e a aplica aos “povos de Israel”. Assim, isso mostra a prática do Novo Testamento de reaplicação pela qual passagens focadas em gentios podem ser voltadas contra os judeus. João poderia facilmente fazer o mesmo com essa frase do Antigo Testamento. Afinal, este livro chama Jerusalém de “Sodoma e Egito” (Apocalipse 11:8) e fala das sinagogas como “uma sinagoga de Satanás” (Apocalipse 2:9; 3:9).

Além disso, a porção do Salmo 2 citada menciona expressamente nossa frase: “reis da terra”. E esses “reis da terra” são paralelos aos “governantes”. Assim, lemos: 'os reis da terra tomaram sua posição / E os governantes foram reunidos”(Atos 4:26). Por que razão essas autoridades, esses reis/governantes, se reuniram? Eles estavam reunidos em oposição “contra o Senhor e contra o Cristo” (Atos 4:26). Mas quando ouvimos a interpretação da passagem pela igreja, aqueles que “estavam reunidos contra o teu santo servo Jesus, a quem ungiu” incluem não apenas o gentio “Pôncio Pilatos, junto com os gentios”, mas também Herodes, o rei dos judeus, e “os povos de Israel” que exigem que Cristo seja crucificado. Assim, aqui os “reis da terra” se aplicam não apenas aos reis que não são de Israel, mas a um rei dos judeus.

Além do mais, através da interpretação contemporânea mais pesada do Salmo 2, os cristãos de Jerusalém aplicam isso à sua própria situação. Depois de ler o Salmo, eles dizem: “e agora, Senhor, tome nota das ameaças deles” (Atos 4:29a). De quem é as ameaças? No Salmo, as ameaças vêm dos “reis da terra”/“os governantes”, mas na situação atual da igreja se aplica também às autoridades religiosas de Israel. Bock observa a afirmação “e agora”: “isso se refere às ameaças do Sinédrio (Atos 4:21)”. Kistemaker concorda e observa ainda que essa citação “é apropriada para a situação na mão, pois os apóstolos sentem a hierarquia religiosa e o governo judaico se aproximando deles”.

Então, muito claramente, seus oponentes que estão se reunindo contra eles incluem: “os sacerdotes e o capitão da guarda do templo, e os saduceus” (Atos 4:1); “Governantes, anciãos e escribas... e Anás, o sumo sacerdote... e Caifás, João e Alexandre, e todos os que eram de ascendência sacerdotal”(Atos 4:5–6); “Governantes e anciãos do povo” (Atos 4:8); “O Conselho” (sinédrio) (Atos 4:15); “Os principais sacerdotes e o ancião” (Atos 4:23).

Assim, vemos que a igreja primitiva poderia aplicar a frase “reis da terra” às autoridades religiosas judaicas.

Então agora, finalmente... [a conclusão na próxima página].

Conclusão

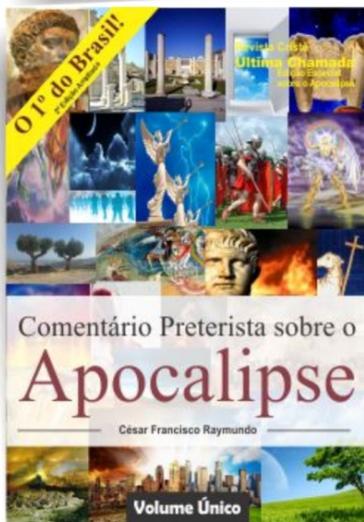
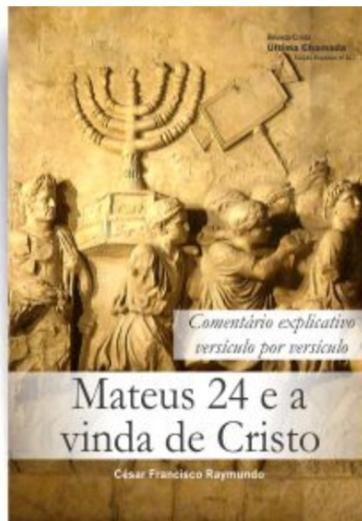
Seguindo as evidências anteriores (e muito mais por vir no comentário), eu argumentaria que “os reis da terra” são um conjunto de caracteres especiais em Apocalipse que denota as autoridades religiosas na Terra de Israel. Eles são bastante significativos para o drama forense de João, pois são eles que garantem a morte de Cristo, exercendo seu poder e influência sobre ele na *terra*. Eles também perseguem os seguidores de Cristo, pois constantemente atacam os cristãos e buscam a ajuda de Roma para persegui-los (Atos 4:27; 16:20; 17:7; 18:12; 21:11; 24:1-9; 25:1-2).

A morte de Jesus é uma questão fundamental em Apocalipse. Em primeiro lugar, sua morte está incluída no próprio tema de Apocalipse (Apocalipse 1:7). Além disso, o caráter central de Apocalipse é o Cordeiro morto (Apocalipse 5:6, 9, 12; 13:8). Para a igreja do primeiro século, tão oprimida por Israel, Apocalipse mantém Sua morte como a própria fonte de esperança e vitória cristã (Apocalipse 1:5, 18; 5:9,12; 7:14; 12:11). A vindicação dos seguidores perseguidos de Cristo é a principal preocupação em Apocalipse (Apocalipse 1:9; 2:9-10; 3:9-10; 6:9-11; 11:7-8, 11-13, 18; 12:10; 13:10; 14:11-13; 16:5-6; 17:6; 18:20, 24; 19:2; 20:4, 6).

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



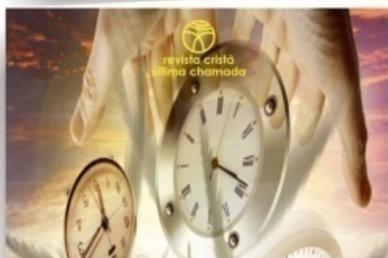
Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?